

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adriana Stefanelli Conceição

**BIBLIOTERAPIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA APROXIMAÇÃO**

Belo Horizonte

2012

Adriana Stefanelli Conceição

**BIBLIOTERAPIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA APROXIMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Rogério Max Correia da Silva

Belo Horizonte

2012

Adriana Stefanelli Conceição

**BIBLIOTERAPIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA APROXIMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Rogério Max Correia da Silva

Aprovado em 14 de setembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Rogério Max Correia da Silva – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

Há, no entanto, certos casos patológicos, por assim dizer, de depressão espiritual em que a leitura pode se tornar uma espécie de disciplina curativa e ser encarregada, por incitações repetidas, de reintroduzir perpetuamente um espírito preguiçoso na vida do espírito. Os livros desempenham então, em relação a ele, um papel análogo ao dos psicoterapeutas no que diz respeito a certos neurastênicos. Sabe-se que, em certas afecções do sistema nervoso, o doente, sem que qualquer de seus órgãos seja atingido, mergulha em uma espécie de impossibilidade de querer, como num sulco profundo de onde não pode sair sozinho e onde acabaria morrendo se uma mão poderosa e salvadora não lhe fosse estendida. Seu cérebro, suas pernas, seus pulmões, seu estômago estão intactos. Ele não tem NENHUMA INCAPACIDADE REAL de trabalhar, de andar, de se expor ao frio, de comer. Mas ele é incapaz de querer esses diferentes atos que tem capacidade de realizar. E uma degradação orgânica que se tornaria o equivalente das doenças que ele não tem seria a consequência irremediável da inércia de sua vontade, se o impulso que não pode encontrar em si mesmo não lhe viesse do exterior, de um médico que desejará por ele, até o dia em que estarão reeducados seus diversos poderes orgânicos. Ora, existem certos espíritos que poderíamos comparar a esses doentes e que uma espécie de preguiça ou frivolidade impede sua descida espontânea para as regiões profundas de si mesmos, onde começa a verdadeira vida do espírito. Isso não quer dizer que, uma vez conduzidos até lá, eles não sejam capazes de descobrir e explorar verdadeiras riquezas, mas que, sem essa intervenção externa, eles vivem na superfície, em um perpétuo esquecimento de si mesmos, em uma espécie de passividade que os torna joguetes de todos os prazeres, os diminui à estatura daqueles que os rodeiam e os agitam e, assim como aquele fidalgo que desde sua infância partilha a vida com os salteadores de estrada, não se lembrava mais de seu nome, por ter há muito tempo deixado de utilizá-lo, eles acabariam por abolir em si todo sentimento e recordação de sua nobreza espiritual, se um impulso exterior não viesse reintroduzi-los, de algum modo, à força na vida do espírito, onde reencontram subitamente a força de pensar por si mesmos e de criar. Ora, esse impulso que o espírito preguiçoso não pode encontrar em si mesmo e que deve vir de outrem evidentemente deve ser recebido no seio da solidão, fora da qual, como já vimos, não pode acontecer essa atividade criadora que se trata precisamente de ressuscitar nele. Da pura solidão o espírito preguiçoso não poderia tirar nada, porque ele próprio é incapaz de pôr em funcionamento sua atividade criadora. Mas a conversação mais elevada, os conselhos mais profundos não lhe servirão de nada, já que essa atividade original não pode por eles ser produzida diretamente. O que é necessário, então, é uma intervenção que, mesmo vinda de outro, se produza no nosso âmago, é sim, o impulso de um outro espírito, mas recebido no seio da solidão. Ora, vimos que era precisamente essa a definição da leitura, e que somente à leitura convinha. A única disciplina que pode exercer uma influência favorável sobre tais espíritos é, portanto, a leitura: era isso que devia ser demonstrado, como dizem os geômetras. Mas ainda aqui a leitura só age como uma incitação que não pode substituir em nada nossa atividade pessoal; ela se contenta em nos devolver o seu uso, assim como, nas afecções nervosas às quais aludíamos há pouco, o psicoterapeuta não faz nada além de restituir ao doente a vontade de se servir de seu estômago, de suas pernas, de seu cérebro, que permaneceram intactos. Seja, por outro lado, porque todos os espíritos participem mais ou menos desta preguiça, desta estagnação nos níveis mais baixos, ou porque, sem que lhe seja necessária, a exaltação que acompanha certas leituras tenha uma influência propícia sobre o trabalho pessoal, cita-se mais de um escritor que gostava de ler uma bela página antes de começar o trabalho. Emerson raramente começava a escrever sem reler uma página de Platão. E Dante não foi o único poeta que Virgílio levou ao portal do paraíso.

## RESUMO

O presente trabalho trata sobre a apresentação do tema Biblioterapia às Educadoras Infantis alunas do 5º Laseb, no ano de 2012, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi feito através de uma oficina de uso da Biblioterapia, seus conceitos e aplicabilidades, com apoio da técnica de contação de histórias. Questionários sobre o perfil do leitor e a utilização posterior da biblioterapia com os bebês e as crianças pequenas que estão sob a responsabilidade das educadoras infantis pesquisadas (nas UMEI'S, isto é, Unidades Municipais de Educação Infantil), são pontos importantes para a avaliação do sucesso da oficina de aproximação sobre o tema.

**Palavras-chave:** Bebês. Biblioteconomia. Biblioterapia. Conto. Contador de histórias. Contação de histórias. Crianças pequenas. Educação infantil. Leitura. Literatura Infantil. Pré-escola.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1 POR QUE TRABALHAR A BIBLIOTERAPIA .....</b>	<b>9</b>
<b>2. BIBLIOTERAPIA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Histórico da biblioterapia .....</b>	<b>12</b>
<b>3. MODALIDADES DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA .....</b>	<b>15</b>
<b>3.1 Leitura .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Narração .....</b>	<b>16</b>
<b>3.3 Dramatização .....</b>	<b>16</b>
<b>4. O MÉTODO BIBLIOTERAPÊUTICO .....</b>	<b>16</b>
<b>5. POR QUE O LER FAZ BEM À SAÚDE .....</b>	<b>17</b>
<b>6. ELEMENTOS BIBLIOTERAPÊUTICOS .....</b>	<b>17</b>
<b>6.1 Catarse .....</b>	<b>18</b>
<b>6.2 Humor .....</b>	<b>19</b>
<b>6.3 Projeção .....</b>	<b>19</b>
<b>6.4 Introjeção .....</b>	<b>19</b>
<b>6.5 Introspecção .....</b>	<b>20</b>
<b>6.6 Identificação .....</b>	<b>20</b>
<b>7. PRÁTICA BIBLIOTERAPÊUTICA .....</b>	<b>21</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>9. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>
<b>10. ANEXOS .....</b>	<b>26</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente monografia trata de uma experiência ocorrida entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2012, junto às educadoras infantis que participavam do 5º Laseb, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, área de Educação infantil, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A experiência consistiu numa tentativa de aproximar Biblioterapia e Educação Infantil, no sentido de apresentar esse tema às educadoras infantis, para que, compreendendo o assunto, possam utilizar a técnica a favor de melhorar suas práticas cotidianas, principalmente as que se referem à contação de histórias para o público da faixa etária entre zero e cinco anos (fase da pré-escola).

A biblioterapia é o uso da informação, especialmente a leitura, como terapia e assim constitui-se num meio de unir as necessidades informacionais da sociedade, com o papel social que o bibliotecário deve exercer.

A biblioterapia constitui-se em uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais. É um lugar estratégico que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.

Ligada a esse aspecto, existe a grande necessidade de instrumentalizar as educadoras infantis para a atuação com a contação de histórias de forma mais intencional, direcionada para a solução dos conflitos dos bebês e das crianças pequenas, com a valorização da criatividade e o aumento da autoestima e da autoconfiança de forma lúdica, através da biblioterapia.

Durante minha prática pedagógica e meus estudos acadêmicos, percebi que são atividades bastante instigantes para se promover na Educação Infantil: a contação e o reconto de livros e histórias; o registro das atividades e rotinas diárias ou de outra ordem de periodicidade (anual, mensal, quinzenal, semanal, etc); a confecção de livros sobre animais e/ou pesquisa sobre assuntos estimulantes do gosto e do interesse das crianças, dentre outras.

A biblioteca é um espaço rico em vivências e experimentações que não podem ser negados às crianças. Os Engenheiros e arquitetos, os governos federal, estadual e municipal não contemplam essa simples verdade constatada.

Levando-se em conta que ainda há biblioteca nas três Escolas de Educação Infantil (que não se tornaram UMEI's), vemos a importância que as educadoras e direções dão a esse espaço. Nas creches transformadas em UMEI's não se disponibilizam salas suficientes para as crianças, nem espaços apropriados para todas as atividades, tudo é adaptado, improvisado, pouco planejado. Nas novas UMEI's promete-se e divulga-se na mídia o espaço da biblioteca, mas ela está ausente na planta-baixa aprovada para os prédios dessas unidades de ensino.

A PBH conta com uma Rede de Bibliotecas Escolares que tem um Programa/Núcleo que divide os bibliotecários na atuação em 6 a 7 escolas, escolas estas que se relacionam a um número impreciso (e em franca expansão) de UMEI's.

Por se verem cercados e atarefados com tantas atividades, espaços e locais de trabalho, e não dispor de locais de biblioteca nas UMEI's nem podendo contar com auxiliares de biblioteca nessas unidades, os bibliotecários optaram por não assumir a responsabilidade sobre o uso das verbas de 10% do caixa escolar que cada UMEI recebe. Essa decisão foi tomada no intuito de pressionar a PBH para que contrate mais bibliotecários e auxiliares de biblioteca para esses espaços, além de especificar um local para a biblioteca no prédio físico das UMEI's.

Há possibilidade de um bibliotecário formado com um direcionamento para as questões infantis da pré-escola atuar junto às particularidades dos bebês e das crianças pequenas atendidas na Educação Infantil. Nessa fase a mente está bastante apta e propensa a adquirir novos conhecimentos, podem-se trabalhar as dificuldades, medos e conflitos próprios das crianças de zero a cinco anos (em suas vidas, seus comportamentos, seus pensamentos e seus lares) através da biblioterapia que se vale da Literatura e de várias técnicas de atuação e intervenções.

Importante será inserir o bibliotecário e a biblioteca no universo infantil, para atuar como facilitador da aprendizagem, juntamente aos professores e educadores infantis (em geral, mulheres e mães), no intuito de conduzir a uma vida mais prazerosa, plena e saudável para os que participam e atuam nessas atividades biblioterápicas, que são momentos de descontração e prazer em sua essência.

As vivências são intensas e mágicas tanto para as pessoas próximas como para bebês e crianças pequenas, podendo ser potencializadas com uma atitude mais direcionada e intencional, buscando-se abordar os temas de conflito e de promoção de bons hábitos, dentre vários outros assuntos que podem ser abordados pela biblioterapia aplicada por um bibliotecário ou por outro profissional que esteja para tal tarefa capacitado.

A presente intervenção buscou, como objetivo geral, aproximar a biblioterapia à Educação Infantil, fazendo uma apresentação do tema para as educadoras infantis, através do uso da técnica da contação de histórias, com a ênfase biblioterápica. Teve ainda como objetivos específicos:

- Permitir que as educadoras infantis adotem novas posturas frente às crianças pequenas e aos bebês e suas reações às leituras e contações de histórias para que, assim, possam diagnosticar e tratar os problemas e conflitos dessa etapa da vida, de acordo com sua prevalência.
- Divulgar e desmistificar a biblioterapia entre as educadoras infantis.
- Fornecer os conceitos e usos da biblioterapia às educadoras infantis.
- Instrumentalizar as educadoras infantis com textos específicos para determinados problemas.
- Possibilitar que se amplie a autoestima e se potencialize a criatividade das crianças que são expostas à ação da biblioterapia.

## 1.1 POR QUE TRABALHAR A BIBLIOTERAPIA

*De fato, a linguagem metafórica permitia às crianças deslizarem com segurança nos dramas e conflitos das personagens, e assim, aprendiam a lidar com seus próprios dramas e conflitos. Sem cobranças, sem ameaças, a metáfora era um remédio poderoso: cuidava brincando. Mas as crianças crescem. E aprendem a ler. E gostam de ler. E leem. E então, sempre que crianças, jovens, adultos ou idosos leem uma história, são felizes para sempre. Pelo menos no momento da leitura.*

*Esse fenômeno é conhecido como biblioterapia, que, de acordo com a etimologia, significa terapia por meio de livros.(CALDIN, 2010)*

As mudanças no perfil profissional do bibliotecário permitem vislumbrar um novo campo de atuação para esse profissional: a Biblioterapia, caracterizada por práticas realizadas por bibliotecários em conjunto com profissionais da área da saúde ou outras áreas, utilizando-se de materiais bibliográficos e não bibliográficos, no incentivo à leitura, no favorecimento à aprendizagem, na ampliação da criatividade, na socialização entre as pessoas e no alívio da dor e do sofrimento, como atividade alternativa e/ou complementar ao uso de medicamentos em tratamentos de males e desconfortos emocionais ou de saúde.

A biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando de uma integração bem sucedida de valores e ações.

Atualmente acredita-se que a Literatura apresenta uma virtude curativa e sedativa, através da leitura do texto literário, operando no leitor e no ouvinte o efeito de placidez e curiosidade, dentre outros efeitos benéficos. Assim, ao articular o texto literário com a biblioterapia, pressupõe-se que o ser humano se envolve emocionalmente com o texto ficcional. Desta maneira, a leitura (narração ou dramatização, por extensão) pode proporcionar vários benefícios, dentre eles: a catarse, na medida em que libera emoções; a identificação com as personagens, no momento em que o sujeito assimila um atributo do outro ficcional; e a introspecção, ou seja, a educação das emoções. Esses elementos biblioterapêuticos ativados no receptor do texto literário pelo caráter ímpar da literatura, serão abordados e esclarecidos ao longo do texto dessa monografia.

Quando a pessoa lê, cria um universo independente, como se mergulhasse em um mundo novo de aventuras e fantasias. Essa viagem provoca um desligamento dos problemas, das angústias, do medo e das incertezas, proporcionando um alívio das tensões emocionais, contribuindo para o bem-estar mental do leitor.

Na interação biblioterapeuta/leitor/educador, a leitura pode auxiliar na verbalização de problemas, quando ocorrem raiva, medo, vergonha ou culpa, que geram a dificuldade de fazê-lo.

Dessa forma a biblioterapia visa “Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros; ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação. (CALDIN, 2001, p. 2-3)

Abramovich (1993) declara que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!”

## 2. BIBLIOTERAPIA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E OBJETIVOS

A biblioterapia pode ser conceituada como a prescrição de materiais de leitura com função terapêutica. A prática biblioterapêutica pode ser utilizada como um importante instrumento no restabelecimento psíquico de indivíduos com transtornos emocionais. Ela admite a possibilidade de terapia por meio da leitura, contemplando não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela, e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto.

Biblioterapia é uma palavra origem grega, onde *Biblion* representa todo tipo de material bibliográfico ou de leitura e *Therapein* significa tratamento, cura ou restabelecimento.

A biblioterapia exige o acompanhamento terapêutico, seja de um bibliotecário com formação terapêutica, ou de psicólogos, psicoterapeutas, psiquiatras, ou mesmo de um bibliotecário com o apoio destes profissionais.

Para a Associação das Bibliotecas de Instituições e Hospitais dos Estados Unidos (MOOD; LIMPER, 1973), adotaram-se como definições de biblioterapia: a utilização de materiais de leitura selecionados como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria; a orientação na solução de problemas pessoais por meio da leitura dirigida; o tratamento do mal-ajustado para promover sua recuperação à sociedade.

No Brasil, a fundação da Sociedade Brasileira de Biblioterapia Clínica pretende formar profissionais específicos para que possam exercer a função, com conhecimento de diversas áreas ligadas ao tema. Busca também, desenvolver pesquisas e ações voltadas para este tema, agregando conceitos das áreas médicas e educacionais.

É muito difícil levar em consideração apenas um conceito de biblioterapia, daí, consultando uma pesquisa bibliográfica já existente, obtemos os seguintes conceitos e objetivos para a biblioterapia, de acordo com diferentes autores.

Alice Bryan (apud SHRODES, 1949) define biblioterapia como “a apreciação de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental”. Sua teoria é de que os indivíduos são personalidades integradas e, portanto, o bebê e a criança pequena, o adolescente, o jovem adulto, o de meia idade e o idoso devem ser vistos como um todo e educados emocional e intelectualmente. Ela vê a literatura ficcional como um meio de afetar o ajustamento total do indivíduo. Recomenda a cooperação entre bibliotecários e psicólogos, pois entende a biblioterapia como um dos serviços da biblioteca.

A biblioterapia é definida por L. H. Tweffort (apud SHRODES, 1949) como “um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento, que através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida”, dentre várias outras definições, a Biblioterapia se apresenta como uma possibilidade de atuação do bibliotecário em favor das facilidades e ajustes de atividades para que estas se mostrem mais direcionadas e objetivando um enfoque maior no sujeito, seu bem-estar e a garantia de buscar seu progresso não apenas intelectual, mas biopsicossocial, emocional, espiritual, dentre outros.

Caldin conceitua biblioterapia como “Leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos, angústias, receios e anseios”, cujo objetivo é “proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e físicos”.

Conforme Louise Rosenblatt (apud SHRODES, 1949), a biblioterapia “analisa a literatura ficcional como ajuda para o ajustamento social e pessoal. Literatura imaginativa útil para ajudar o indivíduo tanto em seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros”, objetivando: a cura (aumentar a sensibilidade social, ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa, proporcionar a sublimação por meio da catarse, levar o ser humano a um entendimento das reações emocionais) e a prevenção (prevenir o crescimento de tendências neuróticas, conduzir á uma melhor administração dos conflitos).

De acordo com Kenneth Appel (apud SHRODES, 1949), a biblioterapia é o “uso de livros e artigos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico”. Visando “capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação de processos inconscientes”.

Segundo Mattews & Londslale, a biblioterapia é “a terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação, projeção, introspecção e catarse”, com o objetivo de fazer “a ligação personagem X leitor para entender e educar emoções, resposta emocional”.

Para Caroline Schrodes, biblioterapia é “o processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”, que tem por objetivos: ser uma terapia de crescimento (para educar e divertir); ser uma terapia factual (para informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar) e ser uma terapia imaginativa (para explorar os sentimentos e tratar de problemas emocionais).

A biblioterapia, em conceito de Orsini (1982) é “a técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais”. Tendo objetivos: intelectuais (aquisição de fatos, conhecimentos e insight intelectual, para auxiliar o autoconhecimento e favorecer as soluções de problemas); sociais (que afetam atitudes e valores e reforçam padrões sociais e culturais); emocionais (crescimento e desenvolvimento emocional, possibilitando experiências de vida e poupando as pessoas de exporem-se aos perigos do mundo real) e comportamentais (crescimento em padrões de reação e construção de condutas do ser humano como um todo).

O objetivo da biblioterapia, para Louis Gottschalk é “auxiliar o paciente a entender melhor suas reações psicológicas e físicas de frustração e conflito; ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas; favorecer a diminuição do conflito pelo aumento da autoestima ao perceber que seus problemas já foram vividos por outros”.

Já para Silvana Beatriz Bueno, os objetivos da biblioterapia são: “aplicar a leitura dirigida: Biblioterapia; ajudar as crianças a superar o medo, a angústia, a tristeza, o desalento e a ansiedade; desenvolver a catarse, a imaginação, a criatividade e a reabilitação; desenvolver o hábito pela leitura”.

No Brasil, a biblioterapia é preferencialmente abordada em Biblioteconomia e Psicologia. Ela se divide em duas categorias: a biblioterapia de desenvolvimento, feita por bibliotecários e a biblioterapia clínica, feita por psicólogos clínicos.

A biblioterapia se vale de variadas técnicas, como a dramatização, a leitura dirigida, a narração e a contação de histórias para estimular a criatividade, promover a formação de leitores, instigar o imaginário, proporcionar catarse, além de favorecer o lazer e a diversão ao possibilitar o contato com diferentes tipos de textos e desenvolver atividades lúdicas com pessoas de diferentes gêneros, idades, perfis educacionais, sociais e econômicos.

## **2.1 Histórico da biblioterapia**

A biblioterapia ou leitura com fins terapêuticos e curativos, tem sua origem na Antiguidade e na Idade Média, épocas nas quais a biblioterapia se incluía nos preceitos da dietética, que regulamenta as normas para se levar uma vida saudável.

No antigo Egito, o faraó Ramsés II mandou gravar no frontispício de sua biblioteca a frase: “Remédios para a alma”. No caso dos egípcios suas bibliotecas se localizavam em templos denominados “Casas de vida”, que eram considerados centros de conhecimento e espiritualidade. Os gregos consideravam os livros como uma forma de tratamento médico e espiritual.

Entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus também associou a leitura com o tratamento médico, ao recomendar a leitura e a discussão das obras de grandes oradores como recurso terapêutico no desenvolvimento da capacidade crítica dos leitores/pacientes.

Na Idade Média poucos livros circulavam, mas se percebiam os benefícios da leitura, pois haviam monges copistas que reproduziam os textos, já que não existia a publicação de livros em massa que só foi possível com a invenção de Guttemberg. A leitura de textos clássicos no decurso de uma operação era comum nessa época, com fins religiosos e biblioterapêuticos. Esses textos podiam ser desde trechos da Bíblia, vida de santos, tragédias, epopéias e outras histórias profanas, mas todos com possibilidades e fins terapêuticos.

O norte-americano, médico psiquiatra e pesquisador Benjamin Rush recomendou a leitura como terapia em 1802. Ele era um precursor e um defensor da ideia de que essa ocupação serviria como meio terapêutico do tratamento moral.

Graças à dedicação de alguns religiosos foi possível o ressurgimento do uso terapêutico da leitura em hospitais para doentes mentais no século XIX. Em Massachussets, em 1904, a biblioteca do McLean Hospital, iniciou um programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura. O início do termo Biblioterapia por Samuel Mc Chord Crothers deu-se em 1916. Na década de 30 a biblioterapia firmou-se definitivamente como um campo de pesquisa.

Durante a Segunda Guerra Mundial, psiquiatras que acompanhavam as tropas americanas notaram que os soldados feridos, que tinham acesso à leitura e liam muito durante sua recuperação no hospital, tinham uma evolução melhor, em diferentes tipos de problemas de saúde, comparados àqueles que ficavam sem nada para fazer.

Em 1949 e 1951 foram escritos as primeiras teses de doutorado em biblioterapia nos Estados Unidos.

No Brasil, a partir das décadas de 70, 80 e 90, foram escritos vários trabalhos teóricos sobre biblioterapia.

Mildred T. Mood, presidenta do Comitê sobre Biblioterapia e Hilda K. Limper, presidenta do Sub-Comitê sobre a Criança em Dificuldade, motivadas pelo workshop interdisciplinar sobre biblioterapia realizado em 1964 em Saint-Louis, publicaram o livro *Bibliotherapy: methods and materials* (1973), patrocinado pela Association of Hospital and Institution Libraries. Na Parte I, o Comitê de Biblioterapia examinou os aspectos da terapia da leitura às pessoas hospitalizadas com problemas diversos e, na Parte II, o Sub-comitê sobre a Criança em Dificuldade escolheu as áreas com problemas evidentes e selecionou títulos específicos que poderiam ser úteis para os orientadores de crianças e jovens com dificuldade de adaptação.

Maurice Barker (1979), psicólogo clínico do Hôpital Sainte-Justine em Montréal, por meio de conferências na Université de Montréal, na Université McGill, no Congrès de l'ASTED e de um artigo publicado na Revista *Documentation et Bibliothèques*, na década de setenta, mostrou preocupação com a leitura para jovens. No artigo *Bibliothèques et lectures pour jeunes*, apresentou uma proposta para a biblioterapia de adolescentes. Lamentou o fato de os autores não se preocuparem muito com essa faixa etária, o que dificulta o uso do livro com finalidade terapêutica para esse público.

A partir de 2000 a publicação brasileira voltou-se para relatos de atividades práticas de biblioterapia em artigos, trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e doutorado. Hoje em dia, a biblioterapia não é uma prática muito habitual entre os médicos. Isso se deve ao fato que outras medicinas mais ortodoxas tenham deixado em segundo plano a biblioterapia como técnica terapêutica.

Vernon Proxton defendia a seguinte verdade:

*Há bons livros, livros quaisquer e livros ruins. Entre os bons, há os que são honestos, inspiradores, emocionantes, proféticos, edificantes. Mas na minha língua há outra categoria, a dos livros-ha!*

*Os livros-ha! são aqueles que determinam, na consciência do leitor, uma mudança profunda. Eles dilatam a sua sensibilidade de tal maneira que ele se põe a olhar os objetos mais familiares como se os observasse pela primeira vez.*

*Os livros-ha! Galvanizam, atingem o centro nervoso do ser, e o leitor recebe um choque quase físico. Um arrepio de excitação percorre-o da cabeça aos pés.(1976, p.7)*

A leitura de bons textos e livros garante que se explore novas sensações e emoções, se vivenciem novas experiências e pensamentos, sem necessidade de se deixar o aspecto confortável do ser leitor, que é permitir-se o prazer da fruição que o ato de ler proporciona.

Consideramos que as múltiplas aplicabilidades da biblioterapia é que levam esse assunto a ser explorado em diferentes áreas, paulatinamente, à medida em que os estudiosos, pesquisadores e curiosos se dispõem a se aprofundar nessa tão antiga e aparentemente tão nova seara.

A leitura tem o caráter de trazer para o cotidiano do leitor as aventuras e peripécias de diferentes heróis, anti-heróis e heroínas, cidadãos comuns ou super-heróis, como forma de estimular a alma, alimentá-la, como bem ilustrava Víctor Hugo, quando dizia que "*Ler é beber e comer. O espírito que não lê emagrece como um corpo que não come.*"

Caldin informa que a Biblioterapia clássica pode admitir a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários, contemplando a leitura de histórias e os comentários adicionais a ela. São propostas novas práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto, levando o fundamento filosófico essencial da biblioterapia que é a "identidade dinâmica". Nesse processo de identificação do leitor/ouvinte vale-se da introjeção e da projeção, partindo-se do pressuposto que toda experiência poética é catártica e que a liberação da emoção produz uma reação de alívio da tensão e purifica a psique, tendo valor terapêutico.

### **3. MODALIDADES DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA**

A biblioterapia é um processo terapêutico em que se utiliza a leitura de diversos materiais selecionados de acordo com o público que se pretende atingir. Vem sendo utilizada atualmente em escolas, creches, prisões, hospitais, asilos, e até em tratamento de problemas psicológicos e emocionais em pessoas de diversas faixas etárias, deficientes físicos, doentes crônicos e dependentes químicos. Ela pode ocorrer com diferentes materiais, técnicas e ferramentas, estimulando o intelecto e a criatividade dos leitores, mas principalmente o seu emocional.

A Literatura tem o poder de mexer com as emoções pois admite a suspensão temporária do que se conhece por descrença, significando que o leitor passa a acreditar, durante a leitura, nos acontecimentos dos livros, esquecendo de seus problemas pessoais, diminuindo a dor e causando seu próprio bem-estar. Ao ler um texto, constrói-se um texto paralelo, ligando-se às experiências e vivências pessoais e tornando o texto diferente para cada leitor.

#### **3.1 Leitura**

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a leitura é ação ou efeito de ler; ato de ler em voz alta; ação de tomar conhecimento de um texto escrito, para se distrair ou se informar; o hábito, o gosto de ler; maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento; ato de decifrar qualquer notação; o resultado desse ato.

Muitos consideram, como Proust, a leitura solitária uma disciplina curativa. Ela tem o potencial terapêutico do encontro entre livro e leitor, sem intermediários. Porém, a terapia por meio de livros é considerada mais eficaz quando se processa em grupo, ou, então, entre duas pessoas – uma prática solidária que mescla descentramento, intercorporeidade e intersubjetividade e que é complementada pela imaginação, pelas expectativas e pelas lembranças de todos os que tomam parte nas atividades biblioterapêuticas.

O profissional que realizará a biblioterapia deve estar atento ao tipo de público e na seleção dos materiais para obter os efeitos desejados favorecendo a imaginação e o crescimento e desenvolvimento pessoal, proporcionando a catarse, a identificação, a projeção, a introjeção e a introspecção.

Uma terapia existencial pode ser obtida através da leitura não sonolenta, mas lenta, dos melhores autores, poetas e filósofos, de líderes da humanidade. Servirá como antídoto poderoso para a vida que se envenena com o tédio que ocorre em tempos atuais, de crise econômica, onde o dinheiro adia o instante de confronto da vida tal qual ela é e o comprador de quinquilharias.

Uma visão mais aguçada de sua situação de vida é possível quando, através da leitura terapêutica, o leitor se distancia de sua própria dor e também é capaz de expressar seus sentimentos e ideias. Nesse momento, se desenvolve uma forma de pensar mais criativa e crítica. A leitura diminui a solidão, estimulando maior empatia com outras pessoas.

### **3.2 Narração**

Conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a narração é o processo ou efeito de narrar; é a ação de contar; é a exposição escrita ou oral de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados; é a sequência de imagens que expõem ou mostram um acontecimento ou uma série deles; é uma narrativa.

De acordo com Fleck (2007, p. 219), desde sempre o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, as alegrias, as angústias e os prazeres de sua existência. A atividade de narrar histórias é presença marcante nas creches e pré-escolas, pois ela incentiva a imaginação e a leitura, expandindo assim o repertório cultural dos bebês e das crianças pequenas.

### **3.3 Dramatização**

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a dramatização é o ato ou efeito de dramatizar, de tornar dramático ou de transformar em ação dramática, especialmente de adaptar (romance, conto, poema etc.) à forma dramática; em sentido usado na Psicologia é a transformação de desejos reprimidos em símbolos, em especial em personificações.

Afirma Arcoverde (2008, p. 602), [...] *“na realização de cenas dramáticas destaca-se o exercício de fazer de conta, fingir, imaginar ser outro, criar situações imaginárias, etc”*. Essas são atitudes essencialmente dramáticas criadas pelo homem para desenvolver habilidades, capacidades, garantir e prover sua existência. Dessa maneira, atuamos todos os dias, em diferentes realidades na casa, na escola, no trabalho, assumindo papéis sociais constantemente em nossas vidas, como o de pai, mãe, filho, aluno, professor, e de acordo com o ambiente, assumimos personagens sociais reais. A atuação é o meio pelo qual nos relacionamos com o outro. O processo dramático é considerado um dos mais vitais para os seres humanos pois acaba definindo e influenciando o seu comportamento social.

## **4. O MÉTODO BIBLIOTERAPÊUTICO**

Considera-se que o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. No mundo em que vivemos, as palavras não são neutras, e toda linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo, onde ele se torna outro, livre no pensamento e na ação. Dessa feita, o diálogo, que é a linguagem em movimento, é o fundamento da biblioterapia.

A grande variedade de interpretações dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo. Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário.

Dessa forma, é no diálogo biblioterapêutico que o texto abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento. Portanto, as diversas interpretações permitem a criação de novos sentidos e a existência da alteridade.

Assim, a biblioterapia não se confunde com a psicoterapia, posto que esta última é o encontro entre paciente e terapeuta e a primeira se configura como o encontro entre ouvinte e leitor em que o texto desempenha o papel de terapeuta. Além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo, permitindo ricas trocas e vivências.

## **5. POR QUE O LER FAZ BEM À SAÚDE**

A leitura, ao descortinar um outro mundo, uma outra realidade, permite ao ser humano exercitar o imaginário, assumir as características de determinados personagens especialmente admirados, refletir sobre suas atitudes e aliviar suas angústias. A leitura ficcional permite a liberdade de interpretações, amplia a compreensão intelectual, desenvolve senso de pertencimento, dá inspiração, corrige ou elimina comportamentos nocivos ou confusos, e além disso pode diminuir a ansiedade e a solidão, aumentando a confiança em si mesmo.

O Dr. Alex Botsaris defende que *"Não somente o ato de ler é benéfico, mas os conteúdos também são importantes para os resultados esperados. A prática da biblioterapia está em escolher conteúdos, tipos de texto, tamanho e ritmo de leitura adequados, para o resultado esperado. Por exemplo, a leitura adequada para insônia é mais lenta e repetitiva. Não é adequado propor um texto excitante de um romance para isso. Por outro lado, muitas ficções romaneadas podem ajudar na elaboração de conflitos pessoais, e por isso estão indicadas em diferentes problemas psiquiátricos. Alguns psicóticos, como portadores de esquizofrenia, têm uma excelente adaptação a poesias e outros textos altamente simbólicos"*.

Lígia Fagundes Teles, escritora brasileira defende que se no Brasil houvesse mais livrarias, haveria menos farmácias. Com essa máxima, percebemos que talvez precisaremos menos de remédios, se incentivarmos a compreensão filosófica, a reflexão ética, a sensibilidade poética. Quiçá usufruiremos de uma excelente saúde anímica.

## **6. ELEMENTOS BIBLIOTERAPÊUTICOS**

São diversos os elementos biblioterapêuticos. Eles estão presentes nas etapas da biblioterapia, que se processam em simultaneidade. O último deles pode ser avaliado com a abstração ou universalidade que é agir de forma diferenciada após o conhecimento das histórias, por meio das leituras de textos.

Na etapa de envolvimento, o leitor se envolve com a trama ou com o personagem da história e identifica-se com o caráter ou com a experiência apresentados no livro (identificação). Ao identificar-se, o indivíduo sente alívio pelo reconhecimento de que outros têm adversidades similares, tem uma tensão emocional associada aos seus próprios problemas (catarse) e pode querer aplicar o que aconteceu na história fictícia à sua vida, quando percebe que os dilemas foram resolvidos com sucesso numa obra literária. A semelhança dos problemas da trama com sua realidade faz com que o leitor chegue a uma etapa final, chamada universalidade, onde consegue compreender outros problemas parecidos.

## 6.1 Catarse

No Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), o termo *catarse* é definido como: “na religião, medicina e filosofia da Antiguidade grega, libertação, expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por esta razão, o corrompe”; como “liberação de emoções ou tensões reprimidas, comparável a uma ab-reação”; como “efeito liberador produzido pela encenação de certas ações especialmente as que fazem apelo ao medo e à raiva, utilizado pelas terapias que se baseiam no *método catártico*”; como “purificação, purgação; mênstruo; alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral”; e também como “no *aristotelismo*, descarga de desordens emocionais ou afetos desmedidos a partir da experiência estética oferecida pelo teatro, música e poesia”.

Quando lemos, somos levados a ter empatia pelas histórias e personagens. Durante a leitura, as palavras expressam um instrumento essencial para o tratamento do espírito, atuando no sentido de convencer, emocionar, influenciar, como é explicada a catarse aristotélica. Em termos gerais, pelo efeito catártico é possível substituir o teatro pela leitura de textos literários, já que estes também provocam emoções e paixões. Para Aristóteles, o espetáculo trágico era capaz de transformar o medo e a piedade em prazer estético sendo que tais emoções perdem sua força nociva quando despertadas por uma representação artística. Da mesma forma, processa-se a catarse por meio da literatura como uma forma de "alegria serena", que advém da leitura de narrativas que transformam em fruição a piedade e o temor de que falava Aristóteles em seus estudos.

Partindo do pressuposto que toda experiência poética é catártica, vale lembrar que o filósofo tomou de empréstimo o vocábulo médico para “*purificação do corpo de elementos nocivos*” e utilizou-o no sentido de purificação psicológica e intelectual. Assim fazendo, ampliou a abrangência do termo para incorporá-lo também ao fenômeno estético. Catarse pode então ser compreendida como alívio das emoções, pacificação e serenidade. Nessa perspectiva é que se enfoca a leitura com desempenho da função catártica. A moderna concepção de catarse não está em desacordo porque o termo é utilizado com referência à função libertadora e purificadora da arte.

## 6.2 Humor

A única forma de não enlouquecer e perder o controle das coisas e a sanidade mental é sorrir, uma característica de quem pratica o *fair-play* existencial. O bom-humor autêntico é a capacidade de transcender o lado angustiante dos problemas e ter uma ampla visão do jogo, como uma ironia não-agressiva, não-amarga, que liberta. Liberta da ânsia de vencer, da vontade sem freios de ter, do desejo absurdo de dominar. Contudo, para sorrir, superando o desespero, é necessário ter criatividade.

Uma possibilidade terapêutica é encontrada através da leitura de textos que privilegiem o humor. Em duas concepções obtidas no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), temos que o humor é “comicidade em geral; graça, jocosidade”, e também é “expressão irônica e engenhosamente elaborada da realidade; espírito”.

Freud ajuda para a compreensão do humor, dizendo que o humor configura-se como triunfo do narcisismo, já que há a recusa a sofrer por parte do ego. Dessa forma, o humor é a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor. (FREUD, 1969).

*“O humor é uma surpresa que ameniza nossa percepção da adversidade, trazendo-a para um nível psicologicamente tolerável”*, conforme afirma Edward O. Wilson no prefácio de *Tem um cabelo na minha terra!*, de autoria do escritor Gary Larson.

## 6.3 Projeção

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), projeção é “ato ou efeito de projetar-se”; e também “mecanismo de defesa que consiste em atribuir a terceiros ou ao mundo que o rodeia os erros ou desejos pessoais”.

A projeção é a transferência aos outros de nossas idéias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos. Segundo Laplanche; Pontalis (1994, p. 374), a projeção é, “no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que lê, desconhece, ou recusa nele”.

## 6.4 Introjeção

A introjeção constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica: “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 248). Está estreitamente relacionada com a identificação. Nessa etapa, o indivíduo busca trazer para si a vivência e as experiências dos personagens da história em questão, interiorizando seus sentimentos e impressões.

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a introjeção é “processo de identificação por meio do qual uma pessoa absorve, como parte integrante do ego, objetos e qualidades inerentes a esses objetos; direcionamento afetivo dos impulsos e reações de uma pessoa, mais para uma imagem subjetiva e internalizada de um objeto do que para o próprio objeto; interiorização”; é também “processo por meio do qual uma pessoa incorpora a seu pensamento valores, crenças etc. de outras pessoas ou grupos (deixando-se influenciar por eles, mas não a ponto de assimilá-los como parte integrante da própria personalidade)”; “o processo segundo o qual os objetos externos são imagens de elementos dentro da consciência de cada indivíduo; expressando a ideia do interno, interior”.

## 6.5 Introspecção

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a introspecção é “reflexão que a pessoa faz sobre o que ocorre no seu íntimo, sobre suas experiências etc.”; “observação e descrição do conteúdo (pensamentos, sentimentos) da própria mente”; é “ação de olhar para dentro, penetrar, sondar, indagar”.

A introspecção, segundo Michaelis (1998, p. 699), é a “descrição da experiência pessoal em termos de elementos e atitudes”, a “observação, por uma determinada pessoa, de seus próprios processos mentais”. Dessa forma, a leitura, ao favorecer a introspecção, leva o indivíduo a refletir sobre os seus sentimentos – o que é terapêutico, pois sempre desponta a possibilidade de mudança comportamental.

## 6.6 Identificação

A identificação – fator importante na teoria freudiana do desenvolvimento da personalidade – começa cedo na nossa vida. As crianças pequenas e bebês se identificam com os pais, com pessoas que admiram e com os animais. Segundo o *Vocabulário de Psicanálise* (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 226), a identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”.

Nessa etapa é que acontece a compreensão de que outros seres também passam por dificuldades assim como nós. Percebe-se a similaridade de características nossas nos personagens encontrados.

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), diz que a identificação é “ato ou efeito de identificar-se”; e também é “assimilação de um aspecto, de uma propriedade, de um atributo de outrem e transformação, total ou parcial, segundo esse modelo”.

## 7. PRÁTICA BIBLIOTERAPÊUTICA

Inicialmente, foi mostrada em power-point uma aula com os conceitos e objetivos da Biblioterapia para diferentes autores. Essa aula se encontra junto aos anexos desse trabalho. As alunas demonstraram bastante interesse sobre o assunto e na aula seguinte utilizamos a contação de histórias por meio de fábulas encenadas com dedoches de tricô. Fez-se o uso da técnica de contação de histórias (fábulas em especial, por serem de melhor aceitação para os bebês e as crianças pequenas). A história que deu abertura ao momento de descontração foi: “As duas cabras”. Essa fábula ilustra uma situação onde duas cabras querem passar por uma ponte, indo em direções diferentes, e ambas querem a prioridade.

Verificando a pronta aceitação de parte das colegas do curso de Educação Infantil em se aproximarem e se aprofundarem em um assunto tão novo e até então desconhecido, dispus-me a ministrar uma oficina com aulas sobre o tema Biblioterapia na Educação Infantil. Das 40 alunas do curso, 19 se prontificaram a participar da oficina.

A fábula, por ser uma pequena narrativa, serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude e termina, invariavelmente, com uma lição de moral. A grande maioria das fábulas retrata personagens como animais ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas), que representam de forma alegórica os traços de caráter (negativos e positivos) de seres humanos.

A prática biblioterapêutica foi pensada a partir da preferência e do grande interesse das crianças mais novas em histórias com teor que revela animais antropomorfizados no seu enredo. Tendo em vista que elas estão em sua fase mágica, onde a fantasia se desenvolve junto com a imaginação, este é um gosto despertado na tenra infância que se manifesta com frequência no pedido de repetição das histórias preferidas. Desta forma escolheu-se o gênero Fábula, pois nele os animais tem atitudes, expressões e pensamentos humanizados.

A utilização de dedoches foi no sentido de ampliar a ludicidade da fábula contada, para que o toque, a textura, as cores, a manipulação dos personagens, estimulassem a criatividade dos ouvintes. O uso da fábula permitia trazer um conteúdo que levasse aos questionamentos e à compreensão que se remetia a uma moral da história, que poderia ser de livre interpretação.

Após a atividade de contação de história, com sua dramatização com os dedoches, em uma das ocasiões foi pedido que se escolhesse uma história para ilustrar e agregar um sentimento que a história despertou junto ao desenho feito. As participantes acharam bastante desafiador o ato de transcrever sua compreensão do texto em imagens e palavras.

Quando lemos, criamos novas imagens e significações mentais, novas dúvidas, novas respostas e imensas curiosidades. Quando leem para nós ficamos mais livres para imaginar cada detalhe de uma forma bastante peculiar. Com o apoio do dedoches, damos asas à imaginação, porém com a forma do animal pré-definida pelo objeto. Ilustrações da atividade estão nos anexos desta monografia.

As fábulas são pensadas e escolhidas valorizando-se o período da infância, como período formador, no qual se incutem os valores e conhecimentos do certo e do errado, dentre outros valores. Conforme disse Platão: *“E o início, você sabe, é sempre a parte mais importante, principalmente quando se trata de algo novo e tenro. Essa é a época em que o caráter está sendo moldado e facilmente absorve qualquer impressão que se possa desejar estampar nela.”*

A literatura infantil, fruto da cultura oral, consiste nos contos maravilhosos, com raízes nos contos populares do folclore oral, seja por meio de traduções ou de adaptações.

Egan ensinava que

*Uma das características mais evidentes que podemos observar nas histórias infantis é o uso de oposições binárias. Os conflitos entre o bem e o mal, a coragem e a covardia, o medo e a segurança, estão sempre presentes na história. [...] Estas oposições binárias servem como critérios para a seleção e organização do conteúdo da história e constituem o fio condutor ao longo do qual a história se desenvolve.[...] O modo de começarmos (a aula ou a unidade) precisa, portanto, de ser colocado de algum modo em termos de conflito binário ou problema; e o modo como terminamos deverá resolver esse problema ou conflito, se quisermos tirar partido do extraordinário poder da história para desencadear a adesão afectiva da criança.(1994, p.39-44)*

Cléo Busatto (2003), afirma que *“contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar”*.

Dentre as histórias escolhidas tivemos: “O coelhinho e o urso”; “O pequeno pastor”; “O fanfarrão”; “Porque o gato não gosta do rato” e “A coruja e o corvo”.

Foram enviados textos por correio eletrônico para complementação dos estudos iniciados em sala de aula. Um questionário foi elaborado para determinar o diagnóstico do perfil do leitor, e saber sobre a aplicação posterior do conhecimento adquirido na oficina de biblioterapia. Foi feita a observação e análise subjetiva de desenhos e fotos.

Para a análise dos dados, fez-se a verificação de resultados a partir dos questionários e observações. Ainda fez-se uma avaliação comparativa da oficina em relação aos trabalhos encontrados com a mesma vertente, porém estes foram realizados com crianças e adolescentes (apenas dois deles foram aplicados junto a bebês e crianças pequenas).

Observou-se que as alunas da oficina ainda tinham dúvidas a respeito do assunto abordado, que apenas uma aplicou a biblioterapia com os alunos, que tinham um perfil de leitor bastante apurado, na sua maioria, assinando e lendo diversos materiais. Isso se deve ao fato de ter usado pouco tempo (20 minutos) para as atividades, durante o horário de almoço, o que provocou a desistência de 75% das alunas. Porém as que restaram participavam bastante das atividades.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Biblioterapia, por definição, enfocamos a leitura com uma função terapêutica, segundo a ideia de que se pode fazer terapia através de textos literários. Apesar de *terapia*, como palavra restrita, possuir um sentido curativo, ela também envolve algo mais que a cura – implica em prevenção e cuidados. Dessa forma, um sentido da palavra *terapeuta* é “*aquele que cuida*”, consistindo naqueles que cuidam do corpo e do espírito os primeiros terapeutas: sejam eles médicos ou filósofos.

A oficina sobre biblioterapia levou às educadoras infantis uma visão mais clara sobre o tema. Embora seja um tema novo, foi importante perceber uma nova possibilidade de atuação junto às crianças pequenas e bebês, na Educação Infantil, por meio da contação de histórias e atividades lúdicas de promoção de catarse e elevação da autoestima e da criatividade. Foi possível ver o interesse das educadoras infantis para a aplicação da biblioterapia em sala de aula na Educação Infantil (antiga pré-escola).

O perfil do leitor foi diagnosticado a partir do questionário encontrado nos anexos desse trabalho. De doze questionários aplicados a um número de 19 participantes da oficina, 11 responderam que não conheciam o tema biblioterapia. Todas responderam ter livros em casa, sendo que 4 assinam revistas e jornais e os leem. Duas pessoas assinam apenas jornais, das seis pessoas que assinam jornais. Onze pessoas declararam gostar de ler, enquanto uma declarou que depende de ter assuntos de seu interesse na leitura, como poemas e atualidades. Onze disseram que sempre terminam uma leitura, dentre essas, duas disseram que chegam até a metade, em algumas leituras, e uma pessoa disse que para no início, pula parágrafos ou só olha a capa e as figuras.

Em geral, as alunas, por terem chegado à Faculdade e Especialização, tendem a ser leitoras e estimularem a leitura, junto a seus alunos, amigos e familiares que pertencem ao seu cotidiano.

Com a análise dos questionários e as observações feitas em sala, concluímos que, dentre várias possibilidades, a prática da biblioterapia serve para:

- Aliviar as tensões, angústias, ansiedades, desalentos, tristezas e medos;
- Desenvolver a imaginação;
- Desenvolver o hábito da leitura;
- Estimular a criatividade;
- Favorecer ao crescimento emocional e psicológico;
- Atuar na prevenção, educação e extensão em saúde;
- Instrumentalizar para a semiologia e a terapêutica;
- Aumentar a autoestima;
- Educar e divertir;
- Explorar os sentimentos e tratar de problemas emocionais;
- Informar e preparar para tratamentos de saúde (hospitalares ou não);
- Acelerar a recuperação quando se encontram problemas emocionais ou de saúde.

## 9. REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. *Rev. Bras. Bibliotecon. E Doc.*, v. 15, n. 1/2, p.54-61, jan./jun. 1982.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.7,n.1, 2002. Disponível em: <<http://www.acb.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=213&article=70&mode=pdf>>. Acesso em 03/11/2011.

CALDIN, C. F. **A leitura como função terapêutica: biblioterapia**. Encontros de Biblioteconomia: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 12, dez. 2001.

DEBERTI MARTINS, Cristina. Una biblioterapia posible, o «Juana, la del billete de mil». *Inf. cult. soc.* [online]. 2009, n.20, pp. 83-90. ISSN 1851-1740.

GOMES, Maria Quitéria de Oliveira. **A importância da leitura e o seu contexto na biblioterapia**. Salvador, 2001, p. 57.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp and SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. **Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso**. *Perspect. ciênc. inf.* [online]. 2006, vol.11, n.3, pp. 398-415.

MALBA TAHAN: **A Arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

MEZALIRA, Claudia Zambeli. Biblioterapia e a poesia infanto-juvenil. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, <http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-2010>. Disponível em: <[bu/000000/000000000010/00001097.pdf](http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-2010/bu/000000/000000000010/00001097.pdf)> Acesso em: 05/03/2011.

OUAKNIN, Mark-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n.11, p. 145-149. 1982.

PARDINI, Maria Aparecida. Biblioterapia! Encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura. Estamos preparados para essa realidade? Disponível em: < <http://acd.ufrj.br/sibi/snbu2002/oralpdf/87.a.pdf> > Acesso em: 22 jan. 2009.

PINTOS, Cláudio Garcia. **A logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico**. Tradução Thereza Cristina F. STummer. São Paulo: Paulus, 1999, p. 45.

SEITZ, Eva M. **Biblioterapia:** uma experiência com pacientes internados em clínica médica, 2005. Disponível em: <[http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1838/pdf\\_6](http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1838/pdf_6)>. Acesso em: 28/03/2012.

SILVA, Adriana Levino . Literatura infanto-juvenil com fins catárticos e terapêuticos. In: XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística, 2006, Uberlândia. Anais do XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística. Uberlândia : UFU, 2006.

SILVA, Alexandre Magno da. Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil. 2005. 122 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia).

TEIXEIRA, Patrícia Redel Nunes. **O papel da contação de histórias como biblioterapia:** a experiência do projeto “Histórias na Creche” do núcleo da Hora do Conto – FABRICO/UFRG na creche da Instituição Amigo Germano, em Porto Alegre – RS. Porto Alegre: UFRGS/FABRICO/DCI, 2004. Disponível em: [www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18922/000457369.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18922/000457369.pdf?sequence=1). Acesso em 03/11/2011.

## 10. ANEXOS

### Anexo 1: Aula no power-point

# Oficina: A Biblioterapia aplicada na Educação Infantil

Laseb / UFMG / 2011

Área: Educação Infantil

Aluna: Adriana Stefanelli Conceição

Analista de Políticas Públicas /  
Bibliotecária

## ***BIBLIOTERAPIA: CONCEITOS E OBJETIVOS***

### **1. Alice Bryan**

#### CONCEITO:

Prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.

#### OBJETIVO:

Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para o seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em relação às emoções dos outros; pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias á solução de problemas e encorajar a encarar sua situação de forma realista, conduzindo sua ação.

## **2. L. H. Tweefford**

**CONCEITO:** Método subsidiário da psicoterapia; auxílio no tratamento em que se busca aquisição de conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento de vida.

**OBJETIVO:** Introspecção para o crescimento emocional; melhor entendimento das emoções; verbalização e exteriorização dos problemas; afastamento da sensação de isolamento; verificação de falhas alheias semelhantes às suas; aferição de valores; realização de movimentos criativos e estímulo de novos interesses.

## **3. Kenneth Appel**

**CONCEITO:** Uso de livros e artigos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.

**OBJETIVO:** Capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação de processos inconscientes.

## **4. Louis Gottschalk**

**CONCEITO:** -

**OBJETIVOS:**

- Auxiliar o paciente a entender melhor suas reações psicológicas e físicas de frustração e conflito;
- Ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas;
- Favorecer a diminuição do conflito pelo aumento da autoestima ao perceber que seus problemas já foram vividos por outros.

## **8. Orsini**

CONCEITO: Técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.

OBJETIVO:

- Intelectuais: aquisição de fatos, conhecimentos e insight intelectual, para auxiliar o autoconhecimento e favorecer as soluções de problemas.

- Sociais: afetam atitudes e valores e reforçam padrões sociais e culturais.

- Emocionais: crescimento e desenvolvimento emocional, possibilitando experiências de vida poupando as pessoas de exporem-se aos perigos do mundo real.

- Comportamentais: crescimento em padrões de reação e construção de condutas do ser humano como um todo.

## **9. Caroline Schrodes**

CONCEITO: Processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.

OBJETIVO:

- Terapia de crescimento: para educar e divertir.

- Terapia factual: para informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar.

- Terapia imaginativa: para explorar os sentimentos e tratar de problemas emocionais.

## **10. Silvana Beatriz Bueno**

CONCEITO: -.

OBJETIVOS:

- Aplicar a leitura dirigida: Biblioterapia;

- Ajudar as crianças a superar o medo, a angústia, a tristeza, o desalento e a ansiedade;
- Desenvolver a catarse, a imaginação, a criatividade e a reabilitação;
- Desenvolver o hábito pela leitura.

## Referências Bibliográficas

1. TEIXEIRA, Patrícia Redel Nunes. **O papel da contação de histórias como biblioterapia: a experiência do projeto “Histórias na Creche” do núcleo da Hora do conto - FABRICO/UFRG na creche da Instituição Amigo Germano, em Porto Alegre – RS.** Porto Alegre: UFRGS/FABRICO/DCI, 2004. Disponível em:[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18922/000457369.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18922/000457369.pdf?sequence=1). Acesso em 03/11/2011.
2. BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em:<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=213&article=70&mode=pdf> >. Acesso em 03/11/2011.

## Anexo 2: Questionário

### Como leitor eu sou assim ...

I – Identificação:

Iniciais: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/ 2012

Sexo: ( ) Feminino

II - Questionário

Parte A: Responda as questões abaixo marcando um X na alternativa que corresponda à resposta que você escolheu. Utilize as linhas para detalhar suas informações quando achar necessário.

1. Você e sua família têm livros em casa?

( ) Sim, muitos. Quantos são aproximadamente? \_\_\_\_\_

( ) Não.

2. Em caso afirmativo, quem tem mais livros? Por quê?

---

---

---

---

---

3. Você e sua família costumam comprar e/ou assinar revistas?

a. ( ) Sim.            b. ( ) Não.

4. Em caso afirmativo, cite o nome de cada uma e de quem costuma comprá-las.

---

---

---

---

---

5. Você costuma ler essas revistas? Se sim, quais?

---

---

---

---

---

6. Caso tenha respondido não à questão acima, explique o motivo.

---

---

---

---

---

7. Sua família assina algum jornal ou o compra regularmente?

Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_

Não. Por quê? \_\_\_\_\_

8. Você gosta de ler?

Sim                       Depende.                       Não.

Por quê?

---

---

---

---

9. Quando lê um livro, revista ou texto, você costuma:

- Parar no início.
- Chegar até a metade.
- Ir até o final.
- Pular parágrafos.
- Só olhar a capa (ou título) e as figuras.
- Ler um trecho do começo, outro do meio e um do final do livro ou do texto.

Por quê?

---

---

---

---

---

10. Você gosta de ler em voz alta para os colegas de sala durante a aula?

Sim.                       Às vezes.                       Não.

Por quê?

---

---

---

---

---

11. O livro que você mais gostou de ler foi:

- Aventura.
- Romance.
- Ficção.
- Mistério.
- Terror.
- Biografia.
- Relato histórico.
- Auto-ajuda.
- Curiosidades.
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

Parte B: Responda as questões abaixo marcando um X nas alternativas que correspondam às suas preferências. Utilize as linhas para detalhar suas informações.

12. Se você fosse escrever um livro, que tema escolheria?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Amor.               | <input type="checkbox"/> Esportes.               |
| <input type="checkbox"/> Mistério.           | <input type="checkbox"/> Hobbies e passatempos.  |
| <input type="checkbox"/> Comédia.            | <input type="checkbox"/> Curiosidades.           |
| <input type="checkbox"/> Ficção científica.  | <input type="checkbox"/> Terror.                 |
| <input type="checkbox"/> Suspense.           | <input type="checkbox"/> Baseado em fatos reais. |
| <input type="checkbox"/> Crime.              |  |
| <input type="checkbox"/> Auto-ajuda.         |  |
| <input type="checkbox"/> Outros. Quais _____ |  |

13. Dos temas que escolheu na questão acima, qual é o seu preferido? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

14. Você procura um livro para ler

- Por iniciativa própria.
- Por indicação do professor.
- Por indicação de um amigo(a).
- Por indicação dos pais.
- Pelo título do livro.
- Pela capa e ilustrações.
- Porque está sendo comentado nos jornais e revistas.
- Porque todo mundo está lendo.
- Quando ganha de presente.
- Quando o vê na biblioteca.
- Outras razões. Quais? \_\_\_\_\_

15. Quando não tem nada para fazer, você:

- Visita um(a) amigo(a) ou o(a) convida para vir à sua casa.
- Telefona a um amigo(a).
- Assiste televisão.
- Lê.
- Ajuda nas tarefas da casa.
- Pratica algum esporte.
- Descansa.
- Procura fazer alguma coisa com os irmãos.
- Toca algum instrumento musical .
- Ouve música.
- Joga videogame.
- Navega na internet.
- Entra no ICQ / MSN para bater papo.

( ) Outras. Quais? \_\_\_\_\_

16. Quando está lendo um texto ou livro, quais são as dificuldades que encontra com mais frequência?

- ( ) Parágrafos longos.
- ( ) Linguagem difícil.
- ( ) Notas de rodapé.
- ( ) Não conhece nada sobre o assunto que está lendo.
- ( ) Palavras desconhecidas.
- ( ) Informações entre parênteses ou hífen.
- ( ) Interpretação de gráficos.
- ( ) Interpretação de tabelas.
- ( ) Não gosta do assunto.
- ( ) Outras. Quais? \_\_\_\_\_

17. Quando você encontra uma das dificuldades que assinalou acima, você costuma resolvê-las consultando ....

- ( ) dicionários.
- ( ) enciclopédias.
- ( ) a internet.
- ( ) os professores.
- ( ) seus pais.
- ( ) seus irmãos mais velhos.
- ( ) seus familiares.
- ( ) os amigos.
- ( ) Ou encontra outras soluções? Quais?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

( ) Não resolve o problema. Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

18. No quadro abaixo, assinale a letra correspondente à sua periodicidade de leitura.

Tipo	a. Diariamente	b. Semanalmente	c. Mensalmente	d. Nunca
Livros	_____	_____	_____	_____
Jornais	_____	_____	_____	_____
Gibis	_____	_____	_____	_____
Revistas	_____	_____	_____	_____
Outro tipo de material de leitura (Internet)	_____			

20. Você já conhecia Biblioterapia?

- a. ( ) sim
- b. ( ) não

21. Você aplicou a Biblioterapia junto às crianças de Educação Infantil? Se sim, como foi a experiência?

- a. ( ) sim                      b. ( ) não

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

22. Dê sugestões para a abordagem do tema Biblioterapia com pessoas que não o conhecem.

---

---

---

---

---

---

MUITO OBRIGADA!

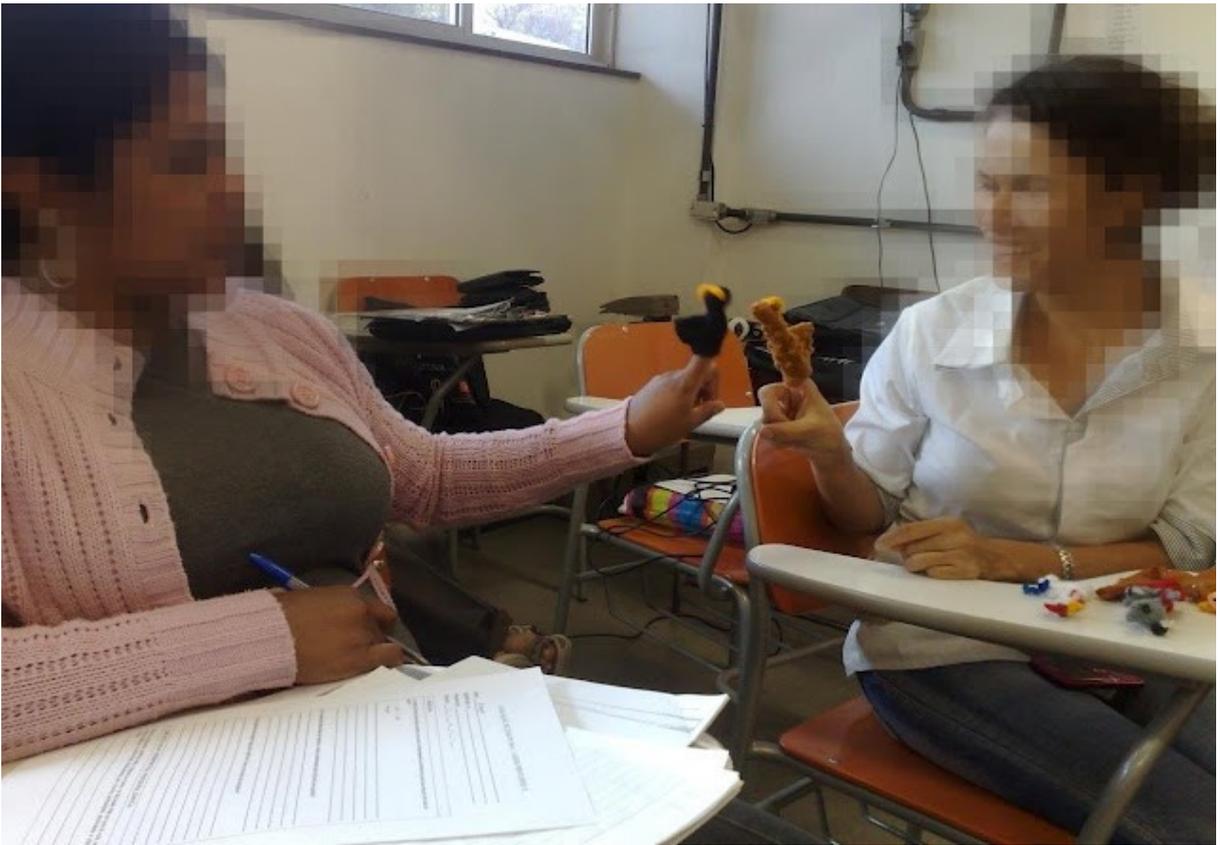
### Anexo 3: Fotos das atividades



Aula inicial sobre Conceitos, Definições e Objetivos da Biblioterapia



Dedoches utilizados na contação de Fábulas Infantis.



Interação na dramatização da Fábula “As duas cabras”.



Fábula "As duas cabras": dramatização com dedoches.



Edione

Sentimento:

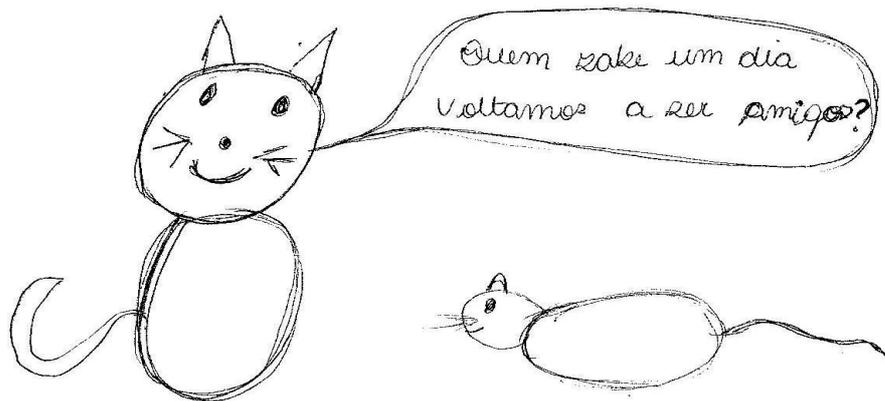
Não abusar da boa vontade dos outros!

Aula de 26/11/2011

Atividade proposta:

Ilustração espontânea sobre os sentimentos despertados pelas histórias

Juliana Ferrari Lúcio



Amizade.

Aula de 26/11/2011

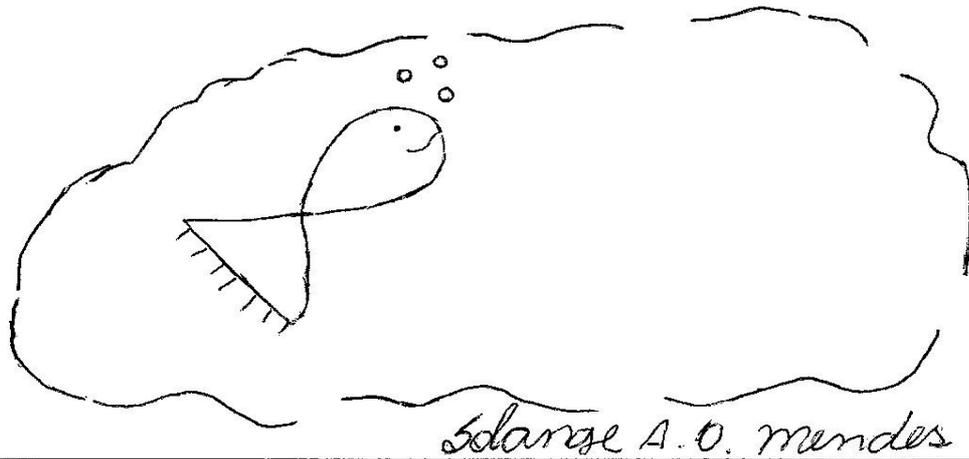


Atividade proposta:

Ilustração espontânea sobre os sentimentos despertados pelas histórias

Aula de 26/11/2011

Eu senti como é importante sermos  
simples, e amigos.



Atividade proposta:

Ilustração espontânea sobre os sentimentos despertados pelas histórias

Viviane

26/11/11

"O coelhinho e o urso"



Devo prestar mais atenção em minhas ações, antes de julgar o outro.

Atividade proposta:

Ilustração espontânea sobre os sentimentos despertados pelas histórias

